

# Book Review

---

**Bailey, David J.** *Naturalism Against Nature: Kinship and Degeneracy in Fin-de-siècle Portugal and Brazil*. Legenda, 2020.

A recente publicação de *Naturalism Against Nature: Kinship and Degeneracy in Fin-de-siècle Portugal and Brazil* traz como principal proposta revisitar obras e autores relevantes no escopo do Realismo-Naturalismo em Portugal e Brasil. O objetivo de David J. Bailey, professor de Estudos Culturais do Português na Universidade de Manchester, é apontar para a particularidade da produção naturalista lusófona cujo principal traço seria, justamente, a resistência ao discurso positivista. Para Bailey, tanto os autores portugueses quanto os brasileiros sobre os quais se debruça reelaboraram a proposta naturalista com cores locais, além de incluir elementos como a alegoria e a referência à tragédia clássica, em princípio traços não-pertinentes à escola de Zola.

A obra resulta dos estudos de doutoramento de Bailey pela Universidade de Cambridge, e as demais publicações do autor são artigos acadêmicos também voltados às questões e aos autores analisados em *Naturalism Against Nature*. A introdução oferece um panorama amplo e didático do que foi o Naturalismo. Primeiramente, apresentam-se as bases (especialmente a positivista) sobre as quais foi erigido o movimento, e discutem-se questões como degeneração, a oposição entre natureza e cultura e a perspectiva da inferioridade de certos grupos sociais que se pôde observar pela ótica naturalista. Ainda concorrem para a adequada amplitude dessa introdução o contexto histórico, as relações entre Brasil e Portugal no século XIX e a discussão inicial do conceito de parentesco, chave para as análises de Abel Botelho, Eça de Queirós, Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha que se seguem.

No capítulo um Bailey se dedica a demonstrar como *O Barão de Lavos*, de Abel Botelho, usa termos médico-científicos para aproximar a atração homossexual da doença e da resultante decadência moral, social e financeira do protagonista. A voz frequentemente condenatória do narrador—chamado por Bailey de “*doctor-narrator*” devido ao emprego de tal linguagem—é

demonstrada pela análise de diversas passagens do romance, alinhando Botelho à teoria da degeneração e à abordagem patológica de relacionamentos que ameaçam a ordem capitalista patriarcal (35). O ponto de divergência de *Lavos* com o Naturalismo francês seria, no entanto, a tensão entre o determinismo e a tentativa de construir a subjetividade e vida interior do Barão, desafiando o tom predominantemente moralizante do narrador. Também merecem nota a observação do espaço urbano lisboeta como lugar de conflito “entre o velho e o novo, o permitido e o proibido, o conhecido e o desconhecido” (41), além da menção a uma dimensão alegórica sebastianista do romance.

A mesma perspectiva *queer* é lançada sobre algumas das principais obras de Eça de Queirós no capítulo dois. Ao procurar identificar tensões homoeróticas entre Basílio e Reinaldo, Jorge e Sebastião, Luísa e Leopoldina, Carlos da Maia e Dâmaso, Bailey pretende apontar para uma rejeição de Eça à abordagem linear do desenvolvimento sexual (66), e para a erosão do sistema familiar burguês patriarcal que mantinha, através das relações familiares, a propriedade e o *status* social. Bailey dá à sua análise o amparo de textos críticos recentes com semelhante enfoque (59, 88) ao visitar algumas das mais notáveis personagens de Eça. Tais releituras são interessantes e por vezes até surpreendentes; é o caso de Teodorico, que durante todo o desenvolvimento de *A Relíquia* corre “atrás de saias”, e no qual o crítico lê uma possível homoafetividade por conta de observações do narrador-protagonista à erudição de Topsisius ou à boa aparência de algum personagem secundário (84).

Ao se voltar para as publicações tidas como naturalistas no Brasil, Bailey destaca o acalorado “debate intelectual em torno da hereditariedade e do ambiente” (99) em vigor nas últimas décadas do século XIX. Ao comentar *A normalista*, *O cortiço* e, de forma mais detida, *O mulato*, de Aluísio Azevedo, colocam-se em evidência as relações de parentesco e afeto que de maneira problemática se entrecruzam nesse romance cuja temática passa pelo incesto e pela descoberta das próprias origens por Raimundo. Novamente são postas em destaque, no capítulo três, as marcas que distanciam a obra de Azevedo do rigor positivista-cientificista: mitos (como o Bumba-meu-boi) e superstições seduzem o protagonista de *O mulato*, que transcende os ditames da teoria da degeneração (119), e o estilo naturalista de Azevedo é infundido de cores locais, alegoria e mistério.

O quarto e último capítulo tem por objetivo analisar o *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, tecendo relações com os romances comentados anteriormente, e dando à estrutura da obra maior coesão entre as análises—que se reforçam umas às outras no decorrer dos capítulos, mas de forma mais evidente neste último. Para Bailey, os traços que tornam o *Bom Crioulo* obra emblemática da reelaboração do Naturalismo pelos escritores lusófonos—sua tese principal—, são, principalmente, a presença de várias tendências no romance: a linguagem do Naturalismo, com a degeneração e criminalidade de Amaro associadas a sua homossexualidade; a roupagem romântica de certas descrições; o ritmo poético de determinadas passagens, e até mesmo elementos góticos.

Tal fusão de estéticas, além da representação da nação brasileira da época através das figuras do escravo liberto, do trabalhador branco e da portuguesa capitalista encerram a argumentação de Bailey acerca da ressalva com que os discursos do *fin de siècle* foram recebidos pelos escritores naturalistas lusófonos (especialmente os brasileiros), que resignificaram o Naturalismo de Zola com cores locais e com a representação de uma sociedade para a qual a perspectiva naturalista de Zola seria “fora do lugar”, conforme expressão de Roberto Schwartz (ao qual Bailey recorre em vários momentos). Contribui o estudo, portanto, para uma melhor compreensão da particularidade da expressão literária naturalista em Portugal e no Brasil.

**Patrícia H. Baialuna de Andrade**

*Brigham Young University*